

III

O Mundo a Haver

O mais denso do discurso de Agostinho como que foge à filosofia especulativa, ou filosofia de escola formal, para emergir na prognose da religião prática, como se fora da sacralidade a salvação fosse impossível. Não assinalou ele, bem cedo, a metamorfose da vida, quando se tornou “laica e feroz”, pelo que essa vida criou um mundo em que o progresso técnico tem sido feito à custa do fundo moral da humanidade⁵⁰?

Nem ortodoxo nem heterodoxo, mas paradoxal, Agostinho houve motivos para ser crítico da Igreja cristã em geral, ainda que, por suas origens, na sua mente estivesse a Igreja Católica. Quando lemos textos tão admiráveis como os comentários de *Glossas*, ou a biografia de Lamennais, achamo-nos perante um cristão que treme: de tão imersa nas questões políticas e temporais, o sobrenatural como que se tornou obsoleto na mensagem eclesial. É pelo anúncio do sobrenatural que erguemos o natural. Trata-se de instaurar o Mundo em Cristo e não Cristo no mundo.

Onde, então, o lugar da Filosofia? Num depoimento que, em 1971, ele teve a gentileza de escrever para um Inquérito, enunciou de novo a prioridade da vida em relação à filosofia. Uns diriam, primeiro filosofar, depois viver, mas o dito de Agostinho cifra-se na inversa: primeiro viver e, então filosofar, assim de acordo com a pragmática

⁵⁰ Agostinho da Silva, *A Comédia Latina*, 1946, in *Estudos sobre Cultura Clássica*, Lx^a., Âncora Ed., 2002, p. 307.



paulina, pois a fome é obstáculo à doutrina. A filosofia abrange todos os saberes, sem exclusão de algum, sendo incumbência dos filósofos, que se distinguem dos professores de filosofia. A seu ver, toda a frequência de estudos deve ser acompanhada por uma reflexão filosófica, destinada a verificar o que os saberes valem, incluindo o valor da verdade e o valor da vida, e ainda, na esfera dos enigmas transcendententes, “o mistério das origens e o nevoeiro dos fins”⁵¹. Esta regra evidencia uma analogia com o modelo leonardino, reformulado por Álvaro Ribeiro: a filosofia é propedêutica de todas as ciências. No ver de Álvaro Ribeiro, exposto em vários dos seus escritos, a filosofia, mesmo quando atribuída a uma Faculdade, seria sempre necessária como curso filosófico para as outras faculdades ou especialidades, científicas e humanísticas. Todas as especialidades seriam seguidas depois de concluído o curso filosófico. Quanto à Teologia, tanto Álvaro, como José Marinho, como Agostinho da Silva, no seguimento do paradigma da Escola Portuense, como escola não-positivista, admitem não ser possível Filosofia sem Teologia: “Não há para mim filosofia sem teodiceia ou teologia [...] negue-se ou afirme-se Deus”⁵². Se no pensamento de Álvaro e de Marinho, a ordenação da Filosofia privilegia a ancilaridade para a Teologia, aspecto em que são mais próximos da Escolástica, Agostinho, sem desvalorizar aquela ancilaridade, distribui o mérito operacional da filosofia pelas outras Ciências, as da técnica e as da vida. Por isso, condenou a colocação da Filosofia na Faculdade de Letras, cuja natureza é apenas a de uma especialidade ou saber facultativo, e, na impossibilidade da Faculdade de Filosofia como escola de saber universal, ou enciclopédia de todas as ciências, o curso filosófico teria melhor e mais adequado lugar nas Faculdades de Ciências e de Tecnologia, o que mais uma vez comprova o sentido que Agostinho manteve quanto à causa final da Filosofia – operar no mundo, e sair da pura arte especulativa. Ela será mestra do aprendizado, do companheirismo e do mesmo mesurado, ou magistério: inicia, acompanha e, por fim, julga.

⁵¹ Id., Proposição, in *Dispersos*, ed. cit., p. 611.

⁵² Id., *ib.*, p. 611.

